

## O Ensino Superior e a máscara de Sócrates

O ano 2006 terminou com o Eng. Sócrates a mostrar-se ao País, em todo o seu esplendor.

Não me refiro sequer à fantasista peça de ilusão com que o Primeiro-Ministro nos brindou na sua mensagem de Natal. Esse “conto de Natal” sobre um País que não existe, revestiu-se de um exercício de irresponsabilidade, de um insulto aos portugueses que atravessam reais dificuldades nas suas vidas (o nº de desempregados, por exemplo, aproxima-se do meio milhão) e de um empurrão ao consumo e endividamento privado, isto é, aos desvarios herdados do consulado Guterres (com Sócrates como fiel seguidor, lembre-se...), a propósito dos quais, por estes dias, fomos brindados com o título de “exemplo do que não se deve fazer” num Relatório da Comissão Europeia dirigido aos Países que aderem ao Euro.

Contudo, proponho somente a abordagem do tema que o Governo escolheu para se despedir, no Parlamento, de 2006: o ensino superior. Esperava-se legitimamente que o Primeiro-Ministro aproveitasse o debate mensal do passado dia 21 de Dezembro para recuperar o tempo perdido.

Na verdade, a política deste Governo para o ensino superior tem-se caracterizado por um profundo estado comatoso. Para além de aprovar legislação (preparada na íntegra pelos anteriores Governos) que permitiu às Universidades e aos Politécnicos adaptarem-se ao Processo de Bolonha, nada mais há a registar. De resto, estes dois anos esgotam-se na atitude arrogante do Ministro, na conflitualidade permanente e nos cortes orçamentais cegos de dimensão nunca antes vista.

Esta era, assim, uma boa oportunidade para ressuscitar uma política para o ensino superior.

No entanto, só uma conclusão razoável pode ser imputada a este debate: a montanha pariu um rato.

Bem vistas as coisas, o que veio o Primeiro-Ministro dizer ao País? Veio anunciar que anunciará qualquer coisa algures em 2007...

Este Governo está em funções há quase dois anos e limita-se a dizer-nos que vai agora iniciar um debate, tendo em vista a futura apresentação de propostas!

Há na sociedade portuguesa, e muito particularmente na comunidade académica, um consenso estabelecido quanto à necessidade urgente de revisão do modelo de gestão, da lei da autonomia, da fórmula de financiamento, do estatuto da carreira docente, da criação de um sistema de empréstimos, etc., etc.

Apesar disso, o Governo mantém, nesta área, o mesmo registo de apatia e até de alheamento do mundo que o rodeia.

Mas este debate teve uma outra particularidade que permitiu trazer à evidência duas conclusões:

Em primeiro lugar, o Governo já perdeu o “ímpeto reformista” que caracterizava os seus anúncios no início do mandato. Isto é, o Governo revela uma clara perda de energia até no seu melhor atributo: a propaganda. E em segundo lugar, este debate sobre o ensino superior trouxe à colação uma enorme diferença entre o PS e o PSD, entre o Primeiro-Ministro e o Líder da oposição.

No encerramento do último Congresso do PSD, em Maio de 2006, o Dr. Marques Mendes anunciou a apresentação de uma proposta de ruptura com o actual paradigma do nosso ensino superior. Ao contrário do Primeiro-Ministro, não fez este anúncio para “marcar a agenda” ou para ganhar

tempo. Fê-lo porque tinha ideias consistentes e o trabalho de casa feito. Assim, na semana seguinte, o PSD apresentou no Parlamento um Projecto-Lei (nº 271/X), que consagra uma maior abertura ao exterior das nossas universidades e politécnicos (através da participação maioritária da comunidade nas suas decisões estratégicas) e uma maior liberdade para cada Instituição escolher o seu modelo de gestão, a sua forma de governação, os seus órgãos, as suas lideranças, o seu corpo docente e as suas opções de desenvolvimento.

Isto é, uma reforma estruturante que permitirá que o ensino superior dê um decisivo passo em frente.

Estamos perante um excelente exemplo do contraste entre PS e PSD: o Governo PS anuncia uma mão cheia de nada; a oposição PSD assume uma atitude construtiva (mediaticamente ignorada, é certo...) que contribui para um melhor Portugal.

Os tempos (mediáticos) que vivemos ainda não permitem que este contraste seja claro aos olhos da maioria dos portugueses. Contudo, na hora da verdade, esta comparação fará toda a diferença.

*Pedro Duarte*

*2007-01-03*